

# Rafael Bordalo Pinheiro: o hermeneuta (pelo traço) das “Conferências Democráticas”

*Manuel Gama*

(Departamento de Filosofia e Cultura  
Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Universidade do Minho)

[mrcgama@ilch.uminhop.pt](mailto:mrcgama@ilch.uminhop.pt)

## 1. Introdução

O humor e o riso são das coisas mais sérias deste mundo. Alguém teria definido mesmo o homem como um animal risível. Rir das situações, dos outros, de nós mesmos, é uma atitude antropológica sábia. Todas as situações têm o seu quê de risível e, encontrá-lo, é, segundo alguns psicólogos, sinal de inteligência. Mas fora do propriamente *humano* não há cómico, como anotou Henri Bergson<sup>1</sup>. Não há paisagens ou animais ridículos. Só o homem pode surpreender aí atitudes ou expressões humanas e nelas projectar o cómico. Como também na vida humana, conforme o enfoque, muitos dramas se podem transformar em comédias.

Por mais sérias, bem posicionadas, bem aparentadas que sejam as pessoas; por mais harmoniosas, equilibradas, perfeitas que sejam as situações, há sempre uma frincha por onde o olho do humorista consegue ver algo desalinhado, algo aberrante, e levá-lo até ao receptor sob a forma de humor, de cómico, de caricatural, de irónico, de paródia, de mordaz, de satírico.

---

<sup>1</sup> Cf. Henri Bergson, *O Riso. Ensaio sobre a significação do cómico*, Relógio d'Água, Lisboa, 1991, p. 14. De autores portugueses, de interesse para esta temática, veja-se Aarão de Lacerda, *Da ironia do riso e da caricatura: ensaio estético*, A.L., s.l., 1915, e o livro da tese de doutoramento de Isabel Ermida, *Humor, Linguagem e Narrativa. Para uma Análise do Discurso Literário Cómico*, Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, Braga, 2003.

Henri Bergson, na sua obra *O Riso. Ensaio sobre a significação do cómico*<sup>2</sup>, onde procura determinar os processos de fabricação do cómico, dá conta que, desde Aristóteles, tem havido dificuldade em definir o que é o riso e em apurar o que há no fundo do risível<sup>3</sup>. É uma obra clássica, de análise conceptual do cómico e do riso, e fonte de conhecimento entre a maioria dos trabalhadores públicos no domínio do cómico. Segundo ele, o riso deve ter uma significação social, isto é, para o compreendermos, temos de o repor no seu meio natural, que é a sociedade, onde ele exerce a sua função. É neste espírito que se insere – o que tentaremos compreender – a obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) e, em especial, o seu traço artístico sobre um dos episódios marcantes da segunda metade do século XIX português, que foram as Conferências Democráticas (1871), inseridas no contexto do Portugal de então. Na senda, embora *avant la lettre*, da teorização de Henri Bergson, Rafael Bordalo Pinheiro, pelo carvão, procurou evidenciar determinadas *desarmonias* do seu tempo, que produzem em nós um efeito cómico. A caricatura, tão usada por ele, é a forma mais sintética e simples de se ser crítico. As longas linhas de prosa são substituídas por simples traços, frequentemente a preto e branco.

## 2. Os Dissidentes: de Coimbra para Lisboa

A Geração de 70, que encontrou na suposta «decadência» nacional a sua motivação aglutinadora, tem sido objecto de vários estudos ensaísticos de autores como, entre outros, Sampaio Bruno, João Gaspar Simões, Hernâni Cidade, Alberto Ferreira, António José Saraiva, João Medina, António Machado Pires, Álvaro Manuel Machado, Amadeu de Carvalho Homem. Embora a expressão de Ramalho Ortigão, a «companhia do bota-abaixo», tenha ficado para a posteridade no seu sentido pejorativo, ela também poderá significar a dimensão da dissidência, da rejeição, do derrube do velho, para em seu lugar edificar o novo, o diferente.

---

<sup>2</sup> A edição original é de 1900. É extraordinário que, em 1985, em França, esta obra já fosse na 401ª edição, tendo já atingido a 44ª edição em 1938, e a 97ª em 1950. O que, aliás, nas obras deste autor não é caso ímpar. Bem pelo contrário.

<sup>3</sup> Cf. Henri Bergson, *op. cit.*, p. 13, onde se interroga sobre a problemática do riso: «Que significa o riso? Que há no fundo do risível? Que descobriremos de comum entre um esgar de palhaço, um jogo de palavras, um quiproquó de *vandeville*, uma requintada cena de comédia? Que destilação nos dará a essência, sempre a mesma, a que tantos e tão diversos produtos vão buscar ora o seu odor indiscreto ora o seu delicado perfume? Os maiores pensadores, desde Aristóteles, têm enfrentado este pequeno problema [...]»

Foi uma Geração em que os membros deram uma imagem de si mesmos e do seu tempo. Fizeram um apelo veemente à mudança, colocaram Portugal em constante questionamento, mesmo em sentido indubitavelmente provocatório, na leitura de António José Saraiva<sup>4</sup>, tentando infundir à sua acção uma alma nova, um espírito de rebeldia perante o estabelecido, buscando o desconhecido e sondando o porvir<sup>5</sup>. Procuravam também, na expressão de Hernâni Cidade<sup>6</sup>, fazer a «dignificação cultural da Pátria», onde a justiça social, até então confiada à caridade dos homens, fosse enxertada definitivamente na sociedade portuguesa.

As suas fontes de inspiração são-nos explicitamente reveladas por Antero de Quental e por Eça de Queirós. O vedor das causas da decadência dos povos peninsulares, no posterior ano de 1887, em carta a Wilhelm Storck<sup>7</sup>, em análise retrospectiva, dá a conhecer que ele e a sua geração se entregavam a «caóticas leituras», entre as quais livros de romances, ciências naturais, poetas, publicistas e até teólogos. Embora ponha em relevo autores da cultura francesa como Proudhon, Michelet e Quinet, é ao seu espírito germanófilo que é dado especial destaque, traduzido em ser «Discípulo da Alemanha filosófica e poética.» Para além do livro de Rémusat sobre a nova filosofia alemã, coloca a tónica em poetas e pensadores como Goethe e Hegel<sup>8</sup>, a que, por via do seu empenho na introdução em Portugal da Associação Internacional dos Trabalhadores, viriam juntar-se os nomes de Marx e Engels.

Eça de Queirós, por seu lado, mais bebedor das ideias de além Pirinéus, nas *Notas Contemporâneas* dá primazia às correntes e autores franceses que, na sua perspectiva, mais marcaram a Geração de 70. Segundo ele, a “sua” Coimbra vivia um grande tumulto mental, cuja fonte de alimentação advinha sobretudo da França (incluindo algo da Alemanha, via França), donde, pelos novos caminhos de ferro da Península desciam torrentes de coisas, de ideias, de sistemas, de estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários. Entre os autores mais marcantes, menciona

---

<sup>4</sup> Cf. António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental*, Oliveira Martins, *Eça de Queiroz e outros*, Gradiva, Lisboa, 1990, p. 44.

<sup>5</sup> Cf. Joel Serrão, *Sampaio Bruno. O Homem e o Pensamento*, 2ª ed. refundida, Livros Horizonte, Lisboa, 1986, pp.18-19.

<sup>6</sup> Cf. Hernâni Cidade, *Século XIX. A Revolução Cultural em Portugal e Alguns dos Seus Mestres*, Presença, Lisboa, 1985, p. 98.

<sup>7</sup> Cf. Antero de Quental, *Cartas II 1881-1891*, Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Editorial Comunicação-Universidade do Açores, Lisboa, 1989, pp. 833 e ss.

<sup>8</sup> «O Hegelianismo dos Coimbrões fez expolsão», dirá – Cf. *Id., Ib.*, p. 835.

Michelet, Proudhon, Victor Hugo, mas também Vico e Hegel. No entanto, realça, a sua (deles) descoberta suprema foi a Humanidade<sup>9</sup>.

É neste verdadeiro estado simultaneamente de turbilhão e encruzilhada, condensado em linguagem formal na expressão «Questão Coimbrã», que grande parte dos elementos daquela geração coimbrã, agora já em Lisboa, se reúne em cenáculo e toma a decisão de levar por diante, em 1871, umas Conferências Democráticas. Procuravam, entre outras dimensões, dar resposta à famosa questão-indignação, que Antero de Quental, na carta aberta *Bom Senso e Bom Gosto*, a António Feliciano de Castilho, coloca: «Exmo. Senhor, podemos nós viver sem ideias?» Esta Geração sofria por, em Portugal, não chegar ao menos uma pequena réplica da Revolução Francesa, a «Grande Revolução», na expressão de Lenine.

Factores de nível externo e interno concorreram para a iniciativa inédita ao tempo. Olhando para o exterior, António José Saraiva<sup>10</sup> estabelece uma relação causal entre a Comuna de Paris (início a 18 de Março de 1871) e as Conferências Democráticas (primeiro anúncio em 29 de Abril de 1871). Certamente que as influências do socialismo utópico de Proudhon e a unificação da Itália sob uma monarquia laica também foram catalizadores neste processo. A nível interno, para além de um extenso descrédito no constitucionalismo monárquico, também o estado miserável em que se encontrava a nossa sociedade sobretudo nos níveis económico, religioso e político (em sentido global), levava a que nas mentes portuguesas se encontrasse um terreno propício para medrar um mundo prometeico.

É de realçar a média etária das principais figuras ligadas a esta Geração: Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. A média de idades, no ano das Conferências, andava pelos 27 anos. Não se trata de um dado apenas estatístico, mas todo um vigor associado, e necessário, às vanguardas. Pois, mais do que uma disputa entre novos e velhos (realistas e ultra-românticos, respectivamente), no dizer de João Gaspar Simões<sup>11</sup> este corpo-a-corpo representava, acima de tudo, uma rivalidade entre duas formas diferentes de pensar e de ver o mundo. Em horizonte semelhante reflecte Manuel Antunes quando lê o ideário e a acção desta Geração muito para além da questão meramente literária: «O que estava realmente em

---

<sup>9</sup> Eça de Queiroz, *Notas Contemporâneas*, 2ª ed., Lello & Irmão-Editores, Porto, 1913, pp. 343-344.

<sup>10</sup> Cf. António José Saraiva, *Op. cit.*, p. 42.

<sup>11</sup> Cf. João Gaspar Simões, *A Geração de 70. Alguns tópicos para a sua história*, 2ª ed., Editorial Inquérito, Lisboa, s/d, p. 28.

causa, afirma, era, a propósito de um problema de estética, de um problema de pessoas e de um problema de gerações, o problema de uma atitude global ante o mundo e a vida, ante o universo e a história.»<sup>12</sup> Álvaro Manuel Machado, embora vincando as dimensões e implicações literárias desta Geração, por seu lado acentua também o seu «drama da obsessão revolucionária e das suas relações com o tempo», que estarão englobadas em todo o grande drama do homem moderno<sup>13</sup>

Entre os primeiros estudiosos desta Geração, encontra-se Sampaio Bruno (1857-1915) que, já em 1886, dera à estampa um volume de três centenas e meia de páginas, intitulado *A Geração Nova. Ensaio Crítico. Os novelistas*<sup>14</sup>. Ainda com pouca distância do acontecimento, aí se procura fazer uma análise parcelar, até que se possa tentar uma visão de conjunto dos que surgiram em letras e em política, à vida pública, agrupados sob aquilo que ele denomina de «movimento de 1865», e proclama, para a história, como a «geração nova»: «O conservantismo, desde o começo, compreendeu bem cedo que entrava em cena uma entidade nova.» No entanto, tentando reduzir-lhe o alcance, «denominou-a imbecilmente *Escola coimbrã*».<sup>15</sup> Mais acertada e duradoura, fora a designação de *Os dissidentes*, dada por Ramalho Ortigão e aplaudida por Teófilo Braga.

A Geração de 70 foi um conjunto de homens que, agindo como grupo, contestou e discutiu valores culturais mais ou menos assentes, mas, como refere António Machado Pires, «foi também uma problemática, uma atitude mental, uma interrogação sobre a identidade nacional.»<sup>16</sup>

Vencer a inércia exige esforço, alguma abnegação, por vezes coragem, e a implicação principal é a mudança que, com frequência, não é tolerada, muito menos desejada. Tanto mais quanto as alterações levam a despromoções sociais, políticas, culturais. A apresentação de novas ideias, o rasgar de outros caminhos, frequentemente é visto como uma afronta à harmonia estabelecida pelos homens e, nalguns casos, só para alguns homens. A Geração de 70, agindo num tempo e numa sociedade fechadas,

---

<sup>12</sup> Manuel Antunes, *Legómena. Textos de Teoria e Crítica Literária*, Organização e selecção de Maria Ivone de Ornellas de Andrade, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1987, p. 541.

<sup>13</sup> Cf. Álvaro Manuel Machado, *A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária*, 2ª edição, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Ciência, 1981, p. 9 e ss.

<sup>14</sup> Para além deste volume sobre os novelistas, outros se seguiriam. No entanto, o forçado exílio após o 31 de Janeiro de 1891, viria alterar os planos do valoroso pensador portuense.

<sup>15</sup> [Sampaio] Bruno, *A Geração Nova. Ensaio Crítico. Os novelistas*, Magalhães & Moniz Editores, Porto, 1886, p. VI.

<sup>16</sup> António Manuel Bettencourt Machado Pires, *A ideia de decadência na Geração de 70*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1980, p. 53. A 2ª edição desta obra – com o nome do autor abreviado para António Machado Pires – foi publicada pela editora Vega, em Lisboa, no ano de 1992.

viu-se especialmente enredada numa teia de críticas, relativizando o valor das suas ideias e da sua acção. A apresentação ao ridículo público foi o clímax dessa atitude, de que o relato de Sampaio Bruno – por essa altura a estrear-se na escrita pública, no *Diário da Tarde* – nos esclarece:

«A reacção contra os inovadores foi violenta; teceu-se a *célebre conspiração do silêncio*, a ponto de nos periódicos nem se tolerarem os anúncios das obras crítica; e, quando força foi partir essa vergonhosa lança, recorreu-se aos mais variados expedientes, até à caricatura no teatro, onde se extinguiu o esforço com o tentamen grotesco dos *Sabichões*, de Ernesto Biester.»<sup>17</sup>

### 3. O Cenáculo e as Conferências Democráticas

Regressemos à parte prática da Geração de 70, as Conferências Democráticas. Em finais do ano de 1867, vários elementos, advindo na maioria de Coimbra, começaram a reunir-se em Lisboa, na casa de Jaime Batalha Reis<sup>18</sup>. Aí, desde que começou a frequentar as reuniões, e como em todo o processo desta Geração, pontificava a figura de Antero de Quental, primeiramente e sobremaneira como agregador de homens de grande valor. Ele tinha essa qualidade, embora a centelha da felicidade não parecesse alumiar aquele ser, conforme vemos espelhado neste belo perfil traçado por Sampaio Bruno, ainda em vida de Antero:

«Antero de Quental, como se a natureza se dispusesse a escarnecer, liberalizando-lhe com uma mão pródiga o espírito e furtando-lhe numa mão avara a felicidade, possui dotes de orador, claro, lógico, eloquente; e estas qualidades, como em Diderot, amaciam-se na palestra, que dest'arte fica

---

<sup>17</sup> Sampaio Bruno, *Op. cit.*, p. 169. O crítico e dramaturgo Ernesto Biester (Lisboa, 1829-1880) escreveu uma peça contra a Geração de 70, intitulada *Os Sabichões – Comédia em quatro actos*, que foi estreada no Teatro D. Maria II, na noite de 21 de Dezembro de 1872 – Cf. João Medina, «Uma peça contra a geração de 70: Os Sabichões de Ernesto Biester», em *Colóquio-Letras*, Lisboa, 21(1974), pp. 48-64, e recolhido em *Id., Eça de Queiroz e a Geração de Setenta*, Moraes Editores, Lisboa, 1980, pp. 163-177.

<sup>18</sup> Sampaio Bruno indica que o próprio Batalha Reis o caracterizou como um modesto aposento, onde havia um capacho para limparem os pés, não à entrada, mas à saída – Cf. Sampaio Bruno, *Op. cit.*, pp. 166-167.

imaginosa, sugestiva e simpática, ora fazendo sorrir pela ironia do bom-senso, ora compelindo a pensar pelos imprevistos horizontes que rasga numa frase.

Esta aptidão cavaqueadora, de resto, traço fisionómico de família, fixou em volta de Quental todas essas compleições de inteligentíssimos preguiçosos que ou do seu glorioso mestre recebiam a senha ou no seu critério vinham bater, experimentando-a, a própria ideação.

Assim se constitui o *cenáculo*, espécie de clube boémio onde cada um trazia o melhor do seu subjectivismo [...].»<sup>19</sup>

Nesses encontros, por iniciativa do seu líder, leu-se Proudhon, sobretudo a extensa obra *A Justiça na Revolução e na Igreja* (1858), tomou-se contacto com as doutrinas de Karl Marx a propósito da Associação Internacional dos Trabalhadores, criou-se a figura simbólica de Fradique, e igualmente se fez a gestação da ideia da realização de umas conferências. Tal pensamento foi amadurecendo e o grupo do *cenáculo* acabou por estabelecer o Programa das Conferências Democrática, que viria a ser publicitado no periódico *A Revolução de Setembro*.

Esse Programa espelha a actualização dos seus autores em matéria das modernas ideias, assim como uma consciência acirrada do afastamento de Portugal em relação à Europa do seu tempo. A sua preocupação era a transformação social, moral e política. Para tal, era pedido o contributo de todos – as Conferências Democráticas deveriam ser um fórum –, em atitude de cidadania, anunciando «Abrir uma tribuna, onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este momento do século», «Agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna», assim como «Preocupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução [...]». O fim de tais reuniões era, em sentido mais prático, «Estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa.» Para cumprir tal desiderato pedem, a terminar o Programa, o concurso de *todos* os partidos, de *todas* as escolas, de *todos* os que queiram prestar atenção àqueles que estão preocupados com os destinos do país.

Com início em 22 de Maio de 1871, realizaram-se cinco conferências. A assistência era considerável, alegrando-se Antero de Quental que essas reuniões fossem «muito frequentadas pelo escol da classe operária.»<sup>20</sup> A sexta prelecção e várias outras

---

<sup>19</sup> *Id., Ib.*, p. 166.

<sup>20</sup> Antero de Quental, *Cartas II 1881-1891, Op. cit.*, p. 835.

previstas<sup>21</sup> já não tiveram lugar, por proibição do poder instituído. Releve-se, neste contexto, o título da primeira Conferência, proferida por Antero de Quental. Durante décadas, baseado na fonte de informação disponível, o primeiro grande historiador destas Conferências, António Salgado Junior<sup>22</sup> deu-lhe o título de «O Espírito das Conferências». Título bem aplicado ao “espírito” das Conferências, é verdade. No entanto, com a descoberta recente de uma carta de Antero ao seu grande amigo Oliveira Martins, escrita no dia seguinte ao das Conferências, o assunto da prelecção ficou mais claro. Nessa missiva, o homem do pendão é bem esclarecedor relativamente ao âmbito da conferência inaugural: «Foi ontem à noite a conferência de inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o comum pendão, e de fazer soletrar ao público as palavras fatídicas nele inscritas. Assim o fiz, sem lhes ocultar com que letras se escreve *Revolução, Livre pensamento, Democracia e (oh horror!) Socialismo.*»<sup>23</sup>

O fluir das conferências estancou. No dia em que Salomão Sáragga iria expor as suas ideias sob o título «Os Historiadores críticos de Jesus», o local estava fechado por ordem superior. Baseando-se em parecer da Procuradoria-geral da Coroa e Fazenda, o Presidente do Conselho de Ministros (António José de Ávila, Marquês de Ávila e Bolama) emite a respectiva portaria de encerramento. Imediatamente, em nome da «liberdade de pensamento, da liberdade de palavra, da liberdade de reunião», como é aduzido, o protesto é feito, com data de 26 de Junho de 1871. Mais mediamente, Antero de Quental faz publicar uma carta-aberta dirigida ao Presidente do Conselho de Ministros. É uma verdadeira antologia do pensamento da Geração de 70. Aí se faz o repúdio do acto de encerramento da sala das Conferências Democráticas, por contrário à lei e ao espírito da época. O protesto mais veemente vai contra o atentado ao valor da liberdade nas suas principais dimensões: do pensamento, da palavra, de reunião. Por contraposição, Antero de Quental caracteriza não só o episódio da proibição das Conferências, mas sobretudo apresenta a sua leitura da época de então. Praticando-se entre nós um acto tão despótico, inquisitorial e estúpido, tanto mais nefasto foi quanto o tempo era já liberal, tolerante, inteligente, civilizado. Bastou que alguém, um dia,

---

<sup>21</sup> Entre as conferências já preparadas estavam: «Os Historiadores críticos de Jesus» (Salomão Sáragga); «O Socialismo» (Jaime Batalha Reis); «A República» (Antero de Quental); «A Instrução Primária» (Adolfo Coelho); «Dedução positiva da Ideia Democrática» (Augusto Fuschini). Os nomes de Teófilo Braga e de Oliveira Martins contavam-se entre os conferencistas convidados.

<sup>22</sup> Cf. António Salgado Junior, *História das Conferências do Casino (1871)*, tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930, pp. 25 e ss.

<sup>23</sup> Antero de Quental, *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia, Braga, 1996, p. 40.



ousasse pensar livremente, para logo o Sr. Marquês de Ávila, anota Antero, colocar «o seu chapéu enebado em cima da liberdade de pensamento!»

Antero de Quental, nessa mesma carta-protesto, recorda os objectivos que estiveram presentes na criação das Conferências, que foram motivadas não por pensamentos de ódio, de anarquia, de revolta, mas por «um pensamento de amor». Aquele grupo de homens não teve intenções de desunir ou revoltar. Pelo contrário, procurou

«[...]avisar o espírito público da necessidade de considerar aqueles problemas; convidá-lo a reflectir, com serenidade e imparcialmente, nas soluções que pensadores eminentes têm proposto; conjurar as tempestades possíveis de amanhã, por meio do estudo e da tolerância de hoje; apelar para a concórdia de todas as vontades leais, num pensamento de liberdade, de conciliação, de exame.»<sup>24</sup>

O epílogo é eloquente quanto à tensão que representa:

«Exmo. Sr.: nem eu nem V. Exa. passaremos à história: e muito menos as ineptas portarias que V. Exa. faz assinar a um rei sonâmbulo. Mas supondo por um momento que alguma destas coisas possa passar ao século XX, folgo de deixar aos vindouros com este escrito a certeza duma coisa: que em 1871 houve em Portugal um ministro que fez uma acção má e tola, e um homem que teve a franqueza caridosa de lho dizer.»<sup>25</sup>

#### **4. As Conferências Democráticas no *pincel* de Rafael Bordalo Pinheiro**

Três grandes nomes da caricatura portuguesa – **Manuel Maria Bordalo Pinheiro** (1815-1880), Francisco Augusto **Nogueira da Silva** (1830-1868) e **Manuel Maria de Macedo** Pereira Coutinho Vasques da Cunha Portugal e Menezes (1846-1915)

---

<sup>24</sup> Cf. em A. M. B. Machado Pires, *Antero de Quental: Prefácio e Antologia*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1987, p. 171.

<sup>25</sup> Cf. em *Id., Ib.*, p. 174.

– deixam para trás o período da pré-história da caricatura portuguesa<sup>26</sup>. Inspirados em Hogarth (Londres, 1697-1764) – divulgado em Portugal primeiramente por M. M. Bordalo Pinheiro –, estes três grandes nomes da arte humorística gráfica representam uma nova concepção filosófica da arte. A esta tríade fundacional da “História” da caricatura em Portugal, seguir-se-á o filho M. M. Bordalo Pinheiro, Rafael Bordalo Pinheiro, que virá abrir um novo período no decurso da caricatura em Portugal, conquistando um estatuto próprio na sociedade portuguesa. Pelo humor gráfico próprio, podemos ver a sua leitura hermenêutica das últimas três décadas do século XIX.

O protesto contra o encerramento das Conferências fora assinado não só pelos promotores do ciclo mas também por várias pessoas que se reuniram no Café Central, em Lisboa, logo após a interdição do Casino. Entre os subscritores está o neo-artista e incipiente jornalista Rafael Bordalo Pinheiro, na altura com vinte e cinco anos. Faz parte de uma lista com mais de cinquenta assinaturas<sup>27</sup>. Evoluirá, entre outras vertentes, para um desenho humorístico de tipo caricatural que, no seu género, o elevará a um patamar ímpar na cultura portuguesa.

No despontar da juventude, depois de passageira experiência teatral, recebera algumas lições de desenho, além do exemplo do pai. Cedo viria a trocar o pincel pelo lápis, tornando-se num dos caricaturistas mais acutilantes e espirituosos.

Em 1870, ano da proclamação da infalibilidade do Papa, o jovem Rafael faz a sua crítica social carregada de humor e ironia, que expõe em cinco séries de publicações<sup>28</sup>: *O Calcanhar de Aquiles*, *O Dente da Baronesa*, *Mercado de Melões*, *A Berlinda* e *O Binóculo*. Só *A Berlinda* terá continuidade no ano seguinte.

Ainda um pouco longe da criação da figura do «Zé Povinho» e da sua abalada para o Rio de Janeiro, ambas no ano de 1875, Rafael Bordalo Pinheiro, n.º *A Berlinda* do ano de 1871, depois de aplicar o lápis em episódios candentes da vida política e religiosa portuguesas, vira-se para a narração, mas com toque interpretativo, das várias conferências realizadas no Casino lisbonense e seu respectivo contexto<sup>29</sup>. Será esse número do periódico – por razões óbvias, o último da série – que levará para a

---

<sup>26</sup> Cf. Osvaldo de Sousa, *A Caricatura Política em Portugal*, Edição Salão Nacional de Caricatura, Lisboa, 1991, [s/ paginação].

<sup>27</sup> Cf. João Medina, «À guisa de prefácio. A Geração de 70: uma síntese provisória», em *Id.*, *Eça de Queiroz e a Geração de Setenta*, *Op. cit.*, p. 15.

<sup>28</sup> A nossa fonte, para estes dados, será José-Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*, 2ª ed., Bertrand, Lisboa, 1982, pp. 609 e ss.

<sup>29</sup> Sabe-se que Rafael Bordalo Pinheiro, pelo menos nesta publicação, tinha como colaborador literário Mariano Cordeiro Feio, que seria professor de História da Arte da Academia de Belas-Artes – Cf. *Id.*, *Ib.*, p. 78.

posteridade a celebridade do título da publicação. Aí se apresentam trinta pequenas imagens, alinhadas em cinco planos, em que cada uma delas aparece em dependência recíproca com a anterior e com a seguinte.

Aqueles pequenos quadros, através de um tom agridoce bem-humorado, representam a multifacetada imagem do país daquele tempo. O autor apresenta-nos três partes complementares, mas distinguíveis. Uma inicial, circunscrita à sua leitura da situação nacional. A segunda, mais voltada para as Conferências Democráticas e para o seu impacto. A última, atende sobretudo ao processo de encerramento do Casino e suas circunstâncias, quer do antes quer do depois.

Eis esses quadros um a um. No **primeiro quadro**, é lançado o comprometido vocativo «Senhores», pelo narrador (o próprio Rafael Bordalo Pinheiro), para logo de seguida, no **segundo quadro**, indicar uma tela com um rosto descarnado e envelhecido, indicando tratar-se da “purulenta e burguesa fisionomia do país”. Apresentando nos quadros três a dez, as diversas classes e facetas desse semblante do país. Assim, no **quadro três**, com a legenda “esta a sua católica e monárquica situação”, aduz-se, certamente, com espírito crítico, ao Estado confessional, vendo-se um pronunciadamente vacilante trono, adornado com elementos religiosos, ocupado por um político de olhos vendados e muletas; alguém de forma corajosa e abnegada, mas certamente também interessada – o «marquês de Ávila-pavão, na expressão de José-Augusto França –, tenta a todo o custo sustentar a queda do trono-altar. Ou seja, o Estado confessional parece estar em desmoronamento. No **quadro quatro**, apresentam-se as “finanças”, onde um homem já maduro, o ministro Carlos Bento – de cacete atrás das costas e protegido por um polícia, aliás o comandante Municipal, o famoso barão do Chicote<sup>30</sup> – de barrete na mão, pede esmola a um grupo de desgraçados, isto é, o “povo” (**quinto quadro**), com o dito “Para a cera do santo”. Segue-se a “nobreza” (**quadro sexto**), apresentando-se um elemento dessa linhagem, já só com um pé calçado, uma guitarra a tiracolo, um cavalo-fantasma e uma matilha de cães a ladrar-lhe, portanto em clara ruína. No quadro seguinte, o **sétimo**, o “Clero”, onde vemos um prelado com passo apressado e cara de poucos amigos, carregando no braço uma cesta cheia.

A “moral” – representada no **quadro oito** e primeiro do segundo plano – mostra o seu estado: uma mulher expõe as pernas a um grupo de burgueses e um par beija-se avidamente em público. Seguem-se o “ensino” (**quadro nove**) e o “governo” (**quadro**

---

<sup>30</sup> Cf. José-Augusto França, *Op. cit.*, p. 80.

**dez**): o primeiro é um novelo caótico e escuro; no segundo, as figuras maiores do país (rei, governante, clero, exército) dançam ao som de guitarra dedilhada pelo prelado. O **quadro onze**, com a legenda “Tudo está *lázaro asino corruptíssimo!*”, quer mostrar um país doente, ignorante e corrupto. Por cima da legenda “Nós...”, o quadro **doze** apresenta um barrete, que simboliza a República, cheio de intelectuais que, no quadro seguinte (o **treze**) anunciam que “tivemos uma visão redentora e de endireita”, que fora transmitida a cada um (homens das Conferências Democráticas) em línguas de fogo, a partir de alguém, *sui generis*, que paira sobre eles, o afamado oftalmologista Dr. Mascarós<sup>31</sup>.

“Se nos permitir o *engenho* e a *arte*” (quadro **catorze**) é a legenda da primeira imagem da terceira fila. Aqui se apresenta mais uma vez a figura do Marquês de Ávila, aqui a tocar lira, e um enforcamento presenciado por uma multidão. Tudo entre parênteses curvos. Desenho enigmático, sem dúvida. Parece-nos que a intencionalidade do hermeneuta pelo traço vai no sentido de querer dizer que o *engenho* e a *arte* do passado (civilização e morte) não servem. E também que há incompatibilidade definitiva – o colocar entre parênteses – entre o atentar contra a vida e o deliciar-se musicalmente. Isto é, há contradição entre o divertimento de uns e a execução de outros. O *engenho* e a *arte* do devir e do porvir são as da ciência que ajuda a ver e do humanismo, simbolizados no Dr. Mascarós, tal como se vê na legenda do quadro **quinze** “seremos os *MASCARÓS* da Civilização”. O desenho seguinte, o **dezasseis**, revela-nos o Marquês de Ávila ainda em magras e incipientes convulsões (elas irão aumentando progressivamente), todo feito ondulações, com a seguinte legenda: “Nota do Edit.: A ordem ouviu, e teve câibras”<sup>32</sup>. O quadro **dezassete** apresenta-nos o Antero de Quental (transformado em Mascarós) da segunda conferência «Causas da decadência dos povos peninsulares», onde, em legenda, é feito o diagnóstico das «doenças» de Portugal: “«Provado está por fás e por nefás que os padres, os reis e as colónias são as cataratas, o estrabismo de Portugal velho»”. Entre os factores das maleitas, segundo a figura ostentada por Antero, o maior será de cariz religioso, para além do político e do laboral (neste caso, criticando que as energias do país estivessem direccionadas mais

---

<sup>31</sup> João Medina, constante e profundo estudioso de Rafael Bordalo Pinheiro, informa-nos que essa figura é o célebre oftalmologista catalão residente em Portugal, o Dr. Aniceto Mascarós – Cf. João Medina, «Rafael Bordalo Pinheiro repórter das Conferências do Casino», em *Id., Eça de Queiroz..., Op. cit.*, p. 156.

<sup>32</sup> A abreviatura, tanto na forma «Edit.», como na forma mais simples «Ed.», que aparece mais adiante, pensamos que quererão remeter para o termo «Edital», pois as legendas vão no sentido de uma interpretação do autor sobre o sentir e o pensar da ordem oficial.

para as colónias do que para a indústria). O desenho **dezoito** mostra o cambaleante Marquês d'Ávila a ser injectado nos ouvidos simultaneamente por duas seringas, cada uma com o respectivo dizer “reacção” e “pugilato”, que segundo João Medina serão porventura Martens Ferrão (Procurador-geral da Coroa e Fazenda) e o rabino de Lisboa<sup>33</sup>. A legenda que subjaz a este quadro remete-nos para o simbolismo da rolha: “Nota do Ed.: A ordem tremulenta concebeu uma rolha”. O quadro **dezanove** (o último da terceira fila) apresenta o prelector da terceira conferência – dado que Antero proferiu as duas primeiras –, Augusto Soromenho, que falou sobre a Literatura Portuguesa. A legenda é perspicaz quanto ao sentido dessa conferência: “«É suposto que a literatura seja a ramela (não personalizamos) do mesmo sonolento país»”, mostrando o conferencista a talhar carapuças para cada um dos minúsculos literatos.

O quadro **vinte** (o primeiro do quarto plano) repete a figura do Marquês d'Ávila e Bolama com uma cabeça nitidamente inchada, com a legenda: “Nota do Ed.: A ordem sentiu avolumar-lhe...a cabeça!” O desenho **vinte e um** é dedicado a Eça de Queirós, apresentando-o *realisticamente* com ar esquelético e nariz afilado. No bolso da parte traseira do casaco vêem-se algumas farpas – de grande carga simbólica –, enquanto Eça vai moendo o Idealismo num almofariz com um pilão onde se lê Realismo. Subjaz-lhe a seguinte legenda: “Urge limpá-la por *hipótese*, com o véu de realismo do Mistério da estrada de Sintra e com as Farpas”. Trata-se de uma referência directa à conferência de Eça de Queirós, intitulada «A Nova Literatura (o Realismo como nova expressão da arte)», proferida na noite de 12 de Junho, onde falou do realismo proudhoniano. Segue-se (a figura **vinte e dois**) mais uma imagem do Marquês d'Ávila com a legenda “Nota do Ed.: A rolha agitou-se na cabeça da ordem”, vislumbrando-se a cabeça bem mais inchada e o semblante nitidamente carregado ao focar o orador seguinte, o pedagogo Adolfo Coelho (quadro **vinte e três**), que está a rachar o edifício do ensino nacional, donde saem figuras apavoradas e em fuga. Trata-se da referência à quinta e última conferência, sob o título «O Ensino», onde Adolfo Coelho<sup>34</sup> se pôs a zurzir sobre todo o ensino em Portugal, desde o primário até ao universitário e em que Rafael Bordalo Pinheiro coloca a legenda “«e suposto também que a machada do Sr. Bispo de Viseu

---

<sup>33</sup> João Medina vê neste quadro a representação de uma anunciada conferência, também a ser proferida no Casino, por Salomão Sáragga que, seguindo a linha de Renan, deveria falar sobre os historiadores críticos de Jesus – Cf. *Eça de Queiroz..., Op. cit.*, p. 158.

É interessante que logo após o encerramento das Conferências, em carta a Teófilo Braga, Antero de Quental tenha este desabafo: «Os padres e os judeus estavam de mãos dadas contra nós: é um casamento incestuoso muito significativo.» - Antero de Quental, *Cartas, I, op. cit.*, p. 128.

<sup>34</sup> Figura pouco grada a Rafael Bordalo Pinheiro, como se pode ver pelas referências no *António Maria*, nos finais da década de setenta – Cf. João Medina, *Eça de Queiroz..., Op. cit.*, p. 159.

seja o instrumento cirúrgico próprio para operar o ensino»”. No desenho **vinte e quatro** a figura do Marquês d’Ávila, de cabeça ainda mais inchada, e já de joelhos, parece mostrar grande preocupação pela incomparável aventura dos jovens conferentes do Casino com a vida política vigente envolta em comendas. Associa-lhe a legenda “Nota do Ed.: A ordem teve ânsias e desejos”. Numa das várias comendas lê-se SALVATURI (que vão salvar). Isto é, calados aqueles aventureiros e perigosos conferencistas, as comendas presentes e futuras estavam a salvo. A par das comendas, denota-se outra preocupação da altura: as várias listas pelo chão estão relacionadas com as eleições, que iriam ter lugar proximamente<sup>35</sup>. O último desenho desta fila, o **vinte e cinco**, mostra-nos aquele que deveria ser o último prelector, o israelita e discípulo de Renan, Salomão Sáragga, que se propunha falar sobre os «Historiadores críticos de Jesus», a 27 de Junho, se as portas do casino não tivessem sido encerradas. A legenda é evocativa e sobretudo elucidativa dessa situação: “e suposto ainda que os historiadores críticos de Je.....(Epílogo pelo Ed.: Já não pode dizer)”.

A última fila é toda voltada para o processo de encerramento do Casino. O primeiro desenho dessa fila, o **vinte e seis**, apresenta uma cena passada em cima da Carta Constitucional, onde um prelado, acolitado por outras figuras do regime, à guisa de parto oral, extrai da boca do Presidente do Conselho a portaria de 26 de Junho, pela qual se proíbe o prosseguimento das conferências. Dando seguimento à legenda do quadro anterior, que ficara em “Je—”, nesta é colocado “ZUUUUS, porque a ordem dera à luz e”, prosseguindo na legenda seguinte (quadro **vinte e sete**) “porque no seu estado de debilidade a incomodava o falatório...”. Nesta imagem é apresentado um homem com trajes de paxá – com as caudas a serem seguras por um padre, um rabino e um burro – a encerrar a porta do Casino com uma desproporcional chave. A imagem **vinte e oito** apresenta os conferentes a serem abafados dentro de uma panela, com a legenda “abafou...”<sup>36</sup>. A **vinte e nove**, com a legenda “amordaçou...”, mostra os cinco prelectores à volta de uma mesa, de rolha na boca, assinando um Protesto (que Rafael Bordalo Pinheiro também viria a subscrever) contra a proibição das Conferências. O último quadradinho desta notável banda desenhada, o número **trinta**, termina com um sarcástico “e – Viva a liberdade!!!”, pois aí se apresenta um Marquês d’Ávila coroadado,

---

<sup>35</sup> Nesta figura do Marquês d’Ávila, parecem coexistir dois rostos: o do próprio, com o crânio excepcionalmente dilatado, e eventualmente o do Rei subjacente ao do Marquês.

<sup>36</sup> É muito possível que este quadro tenha conotação religiosa. Embora, as fontes não sejam totalmente coincidentes, o «abafador» seria um indivíduo que, ao serviço de uma seita cristã, sufocava moribundos recém-baptizados até à morte, para impedi-los de pecar mesmo em pensamento.

com um cacete na mão, a ser vivamente saudado e cortejado por padres, ministros e... um burro com ar de grande satisfação.

Sampaio Bruno viu bem que o pregador «era a maneira antiga de ser jornalista, como jornalista é a maneira moderna de ser pregador.»<sup>37</sup> E Rafael Bordalo Pinheiro, sendo também jornalista, foi, à sua maneira, o pregador moderno que apregoou e confrontou a vida das últimas três décadas do século XIX, pelo cómico e pelo humor, chamando-nos a atenção para os momentos mais impressionantes da vida portuguesa dessa época e para os valores em mudança. Como corolário, deixou-nos uma obra-prima (criada em 1875) que, como tal, perdurou e permanecerá certamente para o futuro, a figura do Zé Povinho. Nela se prefigura o povo português no seu sentido mais lato e mais profundo: o que aceita, quase em atitude fatalista, a continuação entre nós da dialéctica do senhor e do escravo.

Pelo humor, Rafael Bordalo Pinheiro interrogou a realidade, riu-se do poder e fez a sua perspicaz hermenêutica das Conferências Democráticas, entrevendo-as num contexto muito peculiar, em que o Estado confessional se fechava como ostra a qualquer toque de inovação. Era o Portugal “velho” a defender-se do Portugal “novo”.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Manuel, *Legómena. Textos de Teoria e Crítica Literária*, Organização e selecção de Maria Ivone de Ornellas de Andrade, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1987.
- BERGSON, Henri, *O Riso. Ensaio sobre a significação do cómico*, Relógio d'Água, Lisboa, 1991.
- BRUNO, [Sampaio], *A Geração Nova. Ensaio Crítico. Os novelistas*, Livraria Magalhães & Moniz Editores, Porto, 1886.
- BRUNO, [Sampaio], *Portuenses Ilustres*, Tomo II, Livraria Magalhães & Moniz, Porto, 1907.
- CIDADE, Hernâni, *Século XIX. A Revolução Cultural em Portugal e Alguns dos Seus Mestres*, Presença, Lisboa, 1985.
- ERMIDA, Isabel, *Humor, Linguagem e Narrativa. Para uma Análise do Discurso Literário Cómico*, Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, Braga, 2003.

---

<sup>37</sup> [Sampaio] Bruno, *Portuenses Ilustres*, Tomo II, Livraria Magalhães & Moniz, Porto, 1907, p. 333.

- FRANÇA, José-Augusto, *Raphael Bordalo Pinheiro, caricaturista político*, Terra Livre, Lisboa, 1976.
- FRANÇA, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*, 2ª edição, Bertrand, Lisboa, 1982.
- LACERDA, Aarão de, *Da ironia do riso e da caricatura : ensaio esthetico*, A.L., s.l., 1915.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária*, 2ª edição, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Ciência, 1981.
- MEDINA, João, «Uma peça contra a geração de 70: Os Sabichões de Ernesto Biester», em *Colóquio-Letras*, Lisboa, 21(1974), pp. 48-64.
- MEDINA, João, *Eça de Queiroz e a Geração de Setenta*, Moraes Editores, Lisboa, 1980.
- PIRES, António Machado, *Antero de Quental: Prefácio e Antologia*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1987.
- PIRES, António Manuel Bettencourt Machado, *A ideia de decadência na Geração de 70*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1980.
- QUEIROZ, Eça de, *Notas Contemporâneas*, 2ª edição, Lello & Irmão-Editores, Porto, 1913.
- QUENTAL, Antero de, *Cartas I [1852-1881] e Cartas II 1881-1891*, Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Editorial Comunicação-Universidade do Açores, Lisboa, 1989.
- QUENTAL, Antero de, *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia, Braga, 1996.
- SALGADO JUNIOR, António, *História das Conferências do Casino (1871)*, tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1930.
- SARAIVA, António José, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental*, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros, Gradiva, Lisboa, 1990.
- SERRÃO, Joel, *Sampaio Bruno. O Homem e o Pensamento*, 2ª edição refundida, Livros Horizonte, Lisboa, 1986.
- SIMÕES, João Gaspar, *A Geração de 70. Alguns tópicos para a sua história*, 2ª edição, Editorial Inquérito, Lisboa. s/d.
- SOUSA, Osvaldo de, *A Caricatura Política em Portugal*, Edição Salão Nacional de Caricatura, Lisboa, 1991.